



NOVEMBRO DE 2016

Guinada à direita ou esgotamento das políticas social-democratas?

Yuri Martins-Fontes

Recorrendo à história da teoria política, lemos em Gramsci que é melhor sermos pessimistas na análise e otimistas na ação. É certo que o marxista italiano tem sua razão: uma análise deve ser feita sempre se tomando precauções, tendo atenção à margem de erro que pode afundar projetos. Mas o mais importante, na atual conjuntura, parece ser a segunda parte de sua ideia, convergente com a de outro grande representante do pensamento crítico, Mariátegui: a necessidade da fé racional como elemento-chave de um processo transformador, o cuidado para não recairmos na desesperança que afeta – diz ele – a “alma” burguesa desencantada, niilista.

Analistas de várias colorações, no Brasil e no exterior, vêm proclamando uma suposta guinada à direita que estaria ocorrendo de modo geral no mundo, ou ao menos no Ocidente. Alguns mais ideológicos, buscando aparentar convicção em sua avaliação *falha – de São Paulo –*, afirmaram que, com a morte de Fidel Castro, “a esquerda morreu”. À parte o que há de hilário em tal leviandade jornalística – que já não surpreende –, observamos que se trata da antiga tática de afetar o ânimo do inimigo, que há 2500 anos Sun Tzu já descrevia em sua “Arte da Guerra”, e cujo objetivo, hoje em dia, é nitidamente abarcar a simpatia das massas de desiludidos com a política, que apassivados pela vida dura e sem capacidade de discernimento – dado o baixo nível cultural generalizado, fruto de uma mídia e educação indecentes –, preferem seguir de braços dados com

os vencedores “que seguem fortes e voltam a vencer”; sofrimento menor, dizem. E se isso vale para o Brasil, vale também para diversas nações “ocidentais” dominadas pela desinformação e deficiência educacional, caso dos EUA, como queremos mostrar neste breve paralelo.

Note-se que não se quer negar categoricamente que vivamos um momento conservador, em que as instituições estruturalmente autoritárias foram (re)tomadas – no caso brasileiro, “de assalto” – por reacionários que estiveram calados por uns anos. Mas sim, quer-se mostrar que isto só é verdade “relativamente” – pois em uma perspectiva “absoluta”, a direita efetivamente *ideológica* não demonstra crescimento: ainda que a mídia corporativa global lhe tenha ampliado a voz, em sua tentativa por barrar reformas sociais centristas e manter intactos os altos níveis de lucros das elites, mesmo na maior crise que atingiu o coração do capitalismo, desde 1929.

Embora se respeitando a avaliação de analistas progressistas, que nos alertam para essa situação delicada – como Guilherme Boulos ao verificar um dos mais vis Congressos de nossa história –, cabe notar que em última análise não foi a *direita* que ganhou votos nos EUA ou no Brasil, mas os *centristas* – com suas políticas *social-democratas* – que os perderam. E ainda mais: se a direita, em ambas as nações, manteve seu poder de votos, isso não demonstra necessariamente uma *opção* propriamente “conservadora” de parte da população, mas se trata de um problema econômico e cultural: a junção de uma situação de declínio de poder econômico das classes médias e baixas, somada a uma estrutura cultural medíocre, cujos fundamentos – ou falta deles – se encontram em uma grande mídia invariavelmente ancorada nos interesses das oligarquias (e aqui nos referimos não aos “10%”, mas ao “1%”), as quais têm por firme *aliado* um sistema educacional cada vez mais precarizado, combinação que tolhe a capacidade de discernimento de grande parte destes votantes “conservadores”, fazendo com que ajam muitas vezes contra seus interesses.

Para se construir uma análise plausível, que dê conta de contribuir ao entendimento da atual conjuntura desfavorável e servir como guia para as transformações sociais e políticas que necessitamos, é preciso antes que alcancemos o máximo possível as raízes da questão a ser analisada – tanto elementos econômicos, como culturais e mesmo estatísticos –, despidos das aparências que cintilam em manchetes repletas de interesses. Observemos, num primeiro momento, os jogos publicitários-eleitorais, através de alguns números simples.

Eleições

Contra supostas “evidências” de uma guinada à direita, vemos que nos EUA, os números da vitória de Trump não condizem com tal interpretação. Vejamos: Hillary obteve esse ano 61,3

milhões de votos populares (47,8% dos válidos), contra 60,5 milhões de Trump (47,3%) – quem só ganhou as eleições devido ao antidemocrático sistema indireto dessa nação bipartidária (ou antes, na prática, monopartidária, com duas *tendências*). Já em 2012, Obama conseguiu 51,1% dos votos válidos, contra 47,2% do candidato republicano. E em 2008, o democrata foi reeleito com 52,9% contra 45,7% do adversário. Como se nota, nos três pleitos a votação republicana foi basicamente a mesma: entre 46% e 47%, sendo que entre a atual (que tanta atenção chamou às avaliações de “guinada à direita”) e a anterior, de 2012, a votação foi quase exatamente a mesma: 47,3 e 47,2%.

Vale aqui uma comparação com o simples e inteligente estudo feito por Caio Dezorzi, que baseado em dados acessíveis (mas pouco observados) sobre os primeiros turnos das eleições brasileiras – ou seja, aquela votação que pode ser vista como mais *ideológica*, ou autêntica –, mostrou que a direita não só não cresceu no pleito presidencial de 2014, como decaiu em relação aos anteriores. No primeiro turno de 2014, Dilma obteve 30,3%; em “segundo lugar” ficaram os brancos e nulos com 27,2%; e Aécio só aparece em terceiro, com 24,4%. Comparemos com 2010: Dilma, 35,1%, contra 25,2% dos brancos e nulos, e 24,4% de Serra. E no primeiro turno de 2006: Lula, 37,1%; Alckimin, 31,7%; e os brancos e nulos em terceiro, com 23,7%. Em suma, a direita liberal – representada pelo PSDB e sócios – manteve exatamente sua votação entre 2010 e 2014, e ainda perdeu votos frente às eleições de 2006 (com o agravante de que em 2006 constava do páreo o mítico Lula!). O que ocorreu, portanto, e aí está a aparência que devemos dissipar, é que a centro-esquerda petista (aliás, cada vez mais centro, que esquerda) é que perdeu votos para os descontentes (que optaram pelos brancos/nulos) – ou de outro prisma: perdeu votos para a confusão generalizada que em uma crise econômica acomete o cidadão médio sem autonomia para construir um quadro da situação (dada a mencionada situação da mídia e da educação), e que assim tende a culpar por seu “regresso social” (unicamente) o lento neodesenvolvimentismo lulista, que comanda o executivo. Isso o leva a buscar novos *salvadores*, caras que pareçam novas (caso de Marina Silva, que, notadamente conservadora, é opção de muitos que gostariam de aprofundar as reformas mínimas do lulismo, sem falar no “não político” Dória).

Mas voltemos aos EUA: a eleição de Trump não pode ser atribuída a um *ideológico* apoio das massas a esse “psicopata que presidirá os EUA” – na definição de Altamiro Borges. Seu “pensamento” ou o significado efetivo de suas sórdidas frases pouco tem que ver com *guinadas* realmente conservadoras, como tampouco houve “guinada” no Brasil. Não se pode confundir o esvaziamento das políticas centristas dos EUA e Brasil, e a conseqüente pauperização (concreta, na realidade palpável do bolso) de seus antigos eleitores, com “tendências” reacionárias ou fascistas.

Tanto nos EUA, como no Brasil, trata-se de gente insatisfeita com a situação econômica que

descamba (por aqui o sentimento é mais doloroso, já que não estávamos estagnados, mas em um processo de franco crescimento). De fato, que é para um jovem de 20 anos o governo do PT, senão aquele que esteve no poder em toda sua vida minimamente crítica (últimos 13 anos), e que neste tempo fez a felicidade dos bancos? Para um jovem brasileiro, bolsa-família, prouni, políticas agrárias, direito dos negros e homossexuais, bilhete-único, salário-mínimo mais valorizado, seguro-desemprego são (eram) favas contadas, ou de outro modo, eram o mínimo que um Estado tinha de oferecer ao cidadão. E como mostraram as jornadas de junho de 2013, eles agora queriam mais; bradar por isso não pode ser visto como uma opção conservadora, pelo contrário. Já nos EUA, guardadas as proporções e os tempos um pouco distintos dos eventos-chave, o “movimento” eleitoral (com aparência de movimento “político-ideológico) se deu de modo parecido.

Declínio econômico nos EUA

Desde a crise econômica de 2008, que como colocado, foi a primeira em 80 anos a afetar o centro do sistema, e que logo atingiria o mundo inteiro (mediante a emissão de dólares pelo centro financeiro do mundo para a salvação de seus bancos), as populações mais vulneráveis do planeta têm visto suas pequenas conquistas sociais das últimas décadas se esvaziarem. Neste processo, nos abalados EUA, algumas providências urgentes foram tomadas pelos tradicionalmente belicistas governos democratas, para amenizar as consequências internas, como especialmente: a promoção de diversas guerras mundo afora (Ucrânia, Síria, Líbia, além da manutenção do conflito do Afeganistão e outros menores), nas quais as impactantes indústrias estadunidenses de armas e de construção civil puderam ser fortemente aquecidas, além de, no âmbito da política internacional, ter sido uma maneira de os EUA se livrarem de opositores ao hegemônico neoliberalismo (Kadafi, Al-Asad, Yanukovitch), e de mostrarem força frente à crescente influência russa e chinesa, que questionam sua unipolaridade nas relações internacionais.

Contudo, se tal política externa “democrata” melhorou a condição das elites na crise, no âmbito interno a desigualdade somente cresce há anos, e já atinge 1/6 da população estadunidense. Hillary em sua campanha tentou jogar a desgraça na conta de Obama, mencionando o fracasso das políticas sociais centro-direitistas dos democratas (o termo “centro-direita” vale só na política interna, pois externamente democratas são tão extremo-direitistas quanto republicanos). Para a candidata derrotada, era prioridade a implantação de um grande programa de criação de empregos: “somos o partido da classe trabalhadora, mas não fizemos um trabalho bom o bastante”.

Há bastante tempo a fome é um problema dos mais graves nos EUA. Segundo o Censo de 2014, quase 47 milhões de estadunidenses passam fome (em algum período do ano), o que se configura em uma tragédia que atinge uma população semelhante à da Argentina. É certo que Obama tentou fazer algo pelos mais pobres, caso de seu programa de reforma da saúde – o “obamacare” –, que porém acabou se tornando uma faca de dois gumes: de um lado, deu assistência aos mais miseráveis, de outro, onerou a saúde da classe média baixa, imediatamente acima na pirâmide social (em substanciais 250 dólares, mínimo mensal obrigatório).

Um dos pilares sólidos que mantém esta situação de pauperização, é o problema da desigualdade social. A partir de trabalho de peso realizado pelos economistas T. Piketty e E. Saez, vemos que entre 1993 e 2012 a renda média real dos 99% mais pobres cresceu anualmente 0,34%, enquanto a do 1% mais rico cresceu dez vezes mais: 3,3%/ano.

Em breves linhas, constam aqui alguns elementos para a reflexão. No próximo artigo discutiremos a outra face dessa estrutura que mantém a desigualdade e passividade social – a citada questão do baixo nível cultural histórico como “projeto de Estado”, o que nos termos de um relatório governamental estadunidense, trata-se de uma “crescente maré de mediocridade”:
“Nossa nação corre riscos”.